

Motivação:

por que faço o que faço?



Edward T. Welch¹

O ser humano é complexo. Já fomos comparados a *icebergs* (com a maior parte submersa) e cebolas (com camadas múltiplas). Vemos os comportamentos, mas não as motivações por trás desses comportamentos. Um colega parece ser muito agradável, mas usa de você para subir na carreira. Uma amiga parece não responder quando você confia um sofrimento, mas a verdade é que ela está extremamente preocupada com não dizer algo errado que possa machucar você. Um jogador de futebol caminha pelo campo vangloriando-se como um grande homem quando, na verdade, atua submissamente de acordo com o que aprendeu de seu pai – “nunca dê mostra de fraqueza”. Ninguém sabe que ele vive com medo do humor imprevisível de seu pai.

Nossas ações em público dizem uma coisa; nossas intenções íntimas dizem outra. Atrás de “o que fazemos” – nossas palavras e ações – está o “por que fazemos” – nossas motivações.

Talvez você já tenha considerado alguns “porquês” do seu comportamento.

- ◆ Por que não pedi informações?
- ◆ Por que me casei com essa pessoa?
- ◆ Por que acabei de apostar todo o meu salário na loteria?

E, de vez em quando, algumas questões mais profundas lhe vêm à mente.

- ◆ Por que estou vivo? Qual é o propósito da minha vida?
- ◆ Ou, de uma maneira mais generalizada, “Por que faço o que faço?”

Estas perguntas geralmente surgem quando nos arrependemos de alguma coisa que fizemos. Caso contrário, tendemos a deixá-las de lado.

¹ Tradução e adaptação de *Motives: Why Do I Do The Things I Do?* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 22, n. 1, Fall 2003. p. 48-56.

As motivações são importantes

Mesmo que não pensemos nelas com frequência, nossas motivações são importantes. Por isso gostamos de Robin Hood e detestamos o Xerife de Nottingham. Robin Hood pode ter sido um fora da lei, mas consideramos os seus motivos nobres.

Se um marido fosse se encontrar com a melhor amiga de sua esposa para obter ideias para lhe dar um presente, nós o louvaríamos. Mas se seu motivo fosse testar o terreno para um possível “caso”, ele seria um vilão.

Os pais não estão interessados simplesmente na obediência mecânica ou irada de seus filhos, mas nas atitudes que eles manifestam – o que é outro nome para motivação. Os pais se preocupam com aquilo que seus filhos fazem – e por que o fazem.

Ou ainda, consideremos o domínio dos vícios. Independentemente de se tratar de comida, sexo, drogas ou álcool, um vício parece algo automático. A pessoa viciada está presa. Perguntar o porquê seria tão tolo quanto perguntar “Por que você pegou um resfriado?” Mas mesmo aqui os motivos são importantes. Por trás dos vícios estão os desejos e as vontades. Os viciados podem ser escravos; contudo, até certo ponto, sua escolha foi voluntária. Eles estão motivados a dar continuidade a seus vícios porque esses lhes proporcionam conforto, prazer, poder, alívio temporário da dor, vingança, autonomia e assim por diante. Ignorar estas possíveis motivações deixaria as pessoas à mercê de seus anseios dominadores. Mesmo que estejam em abstinência ou pratiquem o autocontrole, seus esforços pessoais não são suficientes para mudar as motivações fundamentais.

Em outras palavras, as motivações não são apenas importantes. Em muitas situações, elas precisam ser expostas e mudadas. Se nossas motivações não mudarem, nós também não mudaremos.

Exemplos de motivações

Uma lista de possíveis motivações seria interminável, mas as mais comuns podem ser reduzidas a mais ou menos dez ou doze. Para descobrir suas motivações, faça a si mesmo as seguintes perguntas: *O que me motiva? Por que faço o que faço? Ou melhor, pergunte-se: O que eu realmente quero?* Se eu não tiver _____, serei infeliz. Aqui estão algumas respostas típicas:

- ◆ Prazer
- ◆ Liberdade/Autonomia
- ◆ Poder
- ◆ Paz
- ◆ Amor/Intimidade
- ◆ Felicidade
- ◆ Conforto
- ◆ Significado/Reputação
- ◆ Sentido
- ◆ Respeito/Admiração
- ◆ Controle
- ◆ Sucesso

Você pode ter sido motivado uma vez ou outra por quase tudo que está nesta lista, mas algumas pessoas têm suas motivações preferidas:

- ◆ O homem que está sempre atrasado e indisponível quando há trabalho a ser feito pode estar motivado pelo conforto.
- ◆ A esposa que fica mortificada porque uma visita surpresa viu sua casa

sem arrumar é motivada pela boa reputação.

- ♦ O pai cujas crianças e esposa têm medo dele deseja poder.
- ♦ O adolescente que se irrita com o horário estabelecido para estar em casa à noite quer liberdade.
- ♦ A mãe que nunca deixa seus filhos com a babá deseja controle.

Para complicar o quadro, um único comportamento pode ter motivações múltiplas. O homem que se ausenta sem permissão quando há trabalho a ser feito pode ser preguiçoso e motivado pelo conforto, mas pode também querer respeito, sucesso e significado. É possível que ele evite o trabalho porque teme fracassar e perder o respeito dos outros.

Considere a adolescente que não quer prestar contas a ninguém a não ser a ela mesma, e resmungá toda vez que seus pais lhe pedem alguma coisa. Sua vida interior não é assim tão simples. Ela anseia ardentemente por independência, pois os outros pensarão que ela é “legal” se não der satisfação aos seus pais. Talvez ela seja orientada pelo desejo de ser amada e, então, queira sair com os amigos para aumentar suas chances de encontrar um namorado. É até possível que ela esteja dizendo a seus pais: “Vocês continuarão a gostar de mim mesmo se eu não for perfeita?”.

A esta altura, precisamos de orientação segura. Sabemos que o assunto motivação é importante, mas também sabemos que quanto mais examinamos este assunto, mais complexo ele se torna. Precisamos das Escrituras para nos levar além de onde podemos ir por nós mesmos. Visto que as motivações são parte importante da vida, temos expectativas de que a Palavra

de Deus fale sobre elas, e certamente fala. De fato, a Bíblia inteira é um livro sobre motivações.

Tudo está relacionado ao coração

A palavra chave é *coração*. Na Bíblia, o coração é a fonte de toda motivação humana. É a fonte da vida (Pv 4.23), a raiz que determina se o fruto da árvore será bom ou ruim (Jr 17.5-8; Lc 6.43-45). É o nosso eu verdadeiro. Aparecendo aproximadamente mil vezes na Bíblia, a palavra *coração* pode ter uma gama variada de significados, mas na sua essência estão as nossas motivações. Resumindo, a raiz motivadora do coração é “EU QUERO”. “Eu quero conforto, poder, prazer, controle... a meu favor, contra Deus”. Por natureza, o coração é egoísta. Ele quer o que quer, quando quer. Ele não quer os limites de Deus nem tampouco seu direcionamento. Quando o coração é transformado por Deus, as motivações egoístas e contrárias a Deus não são apagadas, mas gradualmente substituídas pelo desejo de amar a Deus e viver somente para Ele.

À primeira vista, esta descrição pode parecer não se enquadrar na sua experiência pessoal. A vida não parece estar sempre relacionada com Deus. Algumas pessoas nem mesmo ouviram falar do Deus verdadeiro; como pode, então, o seu comportamento ter alguma coisa a ver com Ele? Entretanto, você não precisa estar ciente dos seus pensamentos para estar a favor ou contra Deus.

Quando um adolescente viola uma ordem dos pais, nem sempre é um ato de rebeldia contra eles. O adolescente quer simplesmente fazer o que quer! A

desobediência não é “nada pessoal”, no entanto, é pessoal. É um desejo de liberdade da autoridade paterna.

Considere a pornografia via internet. Para muitas pessoas, pode parecer apenas uma indulgência pequena, pouco mais que inocente. Pode não ser honroso, mas não parece ser *contra* alguém. Ninguém está se machucando, e é apenas um pequeno prazer. Mas a realidade é mais profunda do que isso: pessoas *ficam* feridas, e é *contra* o cônjuge. Trata-se de uma quebra dos votos feitos à esposa e da transferência temporária da lealdade matrimonial. O amante da pornografia está dizendo que seus desejos não podem ser satisfeitos pela esposa; portanto, ele pode ceder à traição mental para encontrar a satisfação desejada. Indo mais a fundo no coração, tal comportamento é contra Deus. Ele expressa que Deus é cego ou está muito distante. Afinal, quem faria tal coisa se crese que está na presença do Rei? O amante da pornografia está dizendo implicitamente que Deus é apenas uma pessoa, limitado no que faz e onde pode estar. Além disso, quando Deus diz “Sede Santos como Eu sou Santo”, o amante da pornografia responde “Não” ou “Depois”. Ele responde ao mandamento do Rei para praticar a pureza sexual como se fosse apenas uma sugestão.

Esses exemplos ilustram o fato de que tudo na vida é pessoal. Quer pensemos ou não de modo intencional neste assunto, o fato é que conhecemos a Deus (Rm 1.21), Aquele que esquadrinha os corações (Jr 17.10). Nós não temos apenas uma vaga ideia de que há um deus ou um “poder superior”. A Bíblia diz que em nossos corações temos um conhecimento pessoal do Deus verdadeiro. O problema é que

nem sempre gostamos do Seu intrometimento e Suas restrições nas nossas vidas, e tentamos ignorá-LO ou evitá-LO. Nós “detemos a verdade” que conhecemos (Rm 1.18-21).

Nem sempre somos cegos à nossa motivação orientada para Deus. Quando passamos por tempos difíceis, encontramos-nos dizendo: “Deus o que foi que eu fiz para merecer isso? Como o Senhor pode fazer isso comigo?” Os momentos mais difíceis revelam a quem somos leais. Vivemos para Deus ou para nós mesmos? Mesmo no caso de um ateu, o coração orientado para Deus fica evidente. Os ateus podem viver com um medo profundo da morte, revelando que, até certo ponto, sabem que um dia estarão face a face com o Deus verdadeiro. Em busca de direção, podem consultar alguém que lhes leia a mão, reconhecendo tacitamente a existência de um plano divino e com medo de que este possa não ser favorável a eles. Esses comportamentos são ecos de suas motivações orientadas para Deus. Em seus corações há um compromisso de fé: “Eu vou viver independentemente de Deus em lugar de reconhecê-LO como Senhor”.

Com certeza, não estamos sempre cientes dessas motivações, mas isso não significa que elas não existem. É difícil vermos *todas* as nossas motivações. Considere o caso dos israelitas em Números 14. Eles tinham acabado de ver Deus operar milagres ímpares e haviam sido escolhidos como povo de Deus. Após terem sido libertos da escravidão no Egito e verem destruído o exército do faraó, Deus lhes concedeu uma terra nova e fértil. O problema era que o povo que vivia naquela terra pensava que ela lhes pertencia e não estava disposto a desistir sem luta.

Os espias que foram observar a terra voltaram com relatórios diversos: a terra era ideal, mas o povo era muito poderoso. Ao receber esta notícia, os israelitas reclamaram e murmuraram. “Levantou-se, pois, toda a congregação, e gritou em voz alta; e o povo chorou aquela noite. Todos os filhos de Israel murmuraram contra Moisés e contra Arão; e toda a congregação lhes disse: Oxalá tivéssemos morrido na terra do Egito! Ou mesmo nesse deserto” (Nm 14.1-2).

Nesse caso, a reclamação parece legítima. Moisés e Arão guiaram os israelitas para uma terra cheia de guerreiros poderosos, quando o povo estava mais acostumado a fazer tijolos do que a empreender guerras. Quem não reclamaria? A motivação deles era simples: eles queriam viver! Eles raciocinavam que a vida, mesmo na escravidão, era melhor do que a morte. A maioria de nós concordaria com isso.

Suas motivações, porém, eram mais profundas. “Disse o Senhor a Moisés: Até quando me provocará esse povo e até quando não crerão em mim, a despeito de todos os sinais que fiz no meio deles? Até quando sofrerei esta má congregação que murmura contra mim? Tenho ouvido as murmurações que os filhos de Israel proferem contra mim” (Nm 14.11,27).

Aí está a pergunta sempre presente no coração: “A quem você vai seguir e reverenciar? Em quem vai confiar?” O povo reclamava contra Deus. O próprio Deus era seu Líder, seu Pai, Aquele que havia prometido a terra e que os lideraria na batalha. Ele já havia derrotado os egípcios sem que os israelitas houvessem levantado a espada. Já havia tomado conta de suas necessidades diárias. Nesse contexto, o *porquê* das reclamações dos israelitas tinha

tudo a ver com Deus. Conforme Moisés já havia apontado em um episódio anterior, “As vossas murmurações não são contra nós, e sim contra o Senhor” (Êx 16.8).

Podemos parafrasear as motivações por trás das murmurações: “Deus, nós não pensamos que o Senhor seja poderoso. Não achamos que seja bom. O Senhor não nos deu tudo quanto queremos e quando o queremos”. Suas motivações eram contra Deus.

O evento pode ser esquematizado da seguinte forma:

Nossas circunstâncias
(As dificuldades do deserto)



Nossas palavras e ações
(Murmurações e reclamações)



Nossas motivações aparentes –
desejos pessoais como significado,
segurança, ou amor
 (“Nós preferimos viver no Egito a
morrer no deserto”)



Nossas motivações profundas –
estamos a nosso favor ou a favor de
outros?
 (“Como Moisés ousa não nos dar o
que queremos?”)



Nossas motivações mais profundas –
estamos a nosso favor ou a favor de
Deus?
 (“Nós estamos irados com Deus”)



Alguns sugerem que o pensamento moderno tem tentado cortar a corda entre Deus e nós. Contudo, por mais que se tente, nada pode nos distanciar do nosso Criador. E isso é algo muito bom.

Ídolos do coração

Note como as Escrituras nos trazem constantemente de volta a variações da mesma pergunta.

- ◆ Você ama o mundo ou Jesus? (Dt 6.5; 1Jo 2.15)
- ◆ Você confia nas pessoas ou no Deus verdadeiro? (Jr 17.5-8)
- ◆ Você adora ídolos ou Deus? (2Rs 17.36)
- ◆ Você vai servir ao dinheiro ou a Deus? (Mt 6.24)
- ◆ Você obedece ao diabo ou ao Senhor? (1Jo 3.10)
- ◆ Você vive para sua própria glória ou para a glória de Deus? (Rm 1.21-23)
- ◆ O seu tesouro está no mundo ou em Cristo? (Mt 6.21)
- ◆ Você pertence ao diabo ou a Deus? (Jo 8.44)

O coração está sempre fazendo estas perguntas. De maneira bem elementar, estamos a favor de Deus ou contra Ele.

Nas Escrituras, a maneira mais comum de descrever esta escolha é por meio da pergunta “Quem você adora?”. A escolha fica entre o Deus verdadeiro ou os ídolos. A história de Israel como um todo foi um conflito entre estas duas possibilidades (Êx 20.2-6; 1Rs 11.9-11; 19.10). Todo pecado pode ser resumido como idolatria (Dt 4.23). Apesar desta maneira de falar parecer antiga para nós, o que motiva nossos corações hoje não é diferente. Uma busca rápida em nossos corações mostrará, com muita probabilidade, ídolos antigos.

A ilustração mais clara da idolatria moderna é a droga e o alcoolismo. Vá a uma reunião de Alcoólatras Anônimos e

you will hear the language of idolatry. “Antes de eu ser sóbrio, nada se interpunha entre eu e minha bebida. A bebida era meu cônjuge e meu melhor amigo. Era a prioridade número um. Era minha vida. Eu a adorava”.

A garrafa ou meus filhos? Trata-se de uma questão de lealdade e adoração. Você quase pode ver o viciado pegando seu ídolo adorado e curvando-se diante dele, pedindo-lhe que abençoe o dia, aumente a coragem e liberte da dor.

Aparentemente, o viciado é motivado pelo prazer que tem em sua droga. Olhando mais a fundo, é fácil ver que se trata de uma questão de lealdade pessoal: ele está contra seu cônjuge e filhos e a favor da sua droga. Mas a lealdade vai ainda além: o viciado está a favor de Deus ou dos ídolos? A quem ele adora? O ídolo neste caso é a bebida, mas ela ainda não é o maior problema. O problema fundamental reside no coração.

Por meio dos nossos ídolos, tentamos satisfazer os desejos do coração. A bebida é uma maneira de obtermos o que queremos. O mesmo acontece com o dinheiro. Até mesmo as pessoas podem ser objetos da nossa adoração porque elas podem nos dar o poder, o amor ou o respeito que tanto queremos. Todos os ídolos são objetos de afeições egocêntricas do coração (Ez 14.3). Seja qual for o objeto da nossa confiança e do nosso amor, trata-se de um ídolo que substitui o verdadeiro Deus.

Voltemos à lista das possíveis motivações:

- ◆ Prazer
- ◆ Liberdade/Autonomia
- ◆ Poder
- ◆ Paz
- ◆ Amor/Intimidade

- ◆ Felicidade
- ◆ Conforto
- ◆ Significado/Reputação
- ◆ Sentido
- ◆ Respeito/Admiração
- ◆ Controle
- ◆ Sucesso

Muitas dessas coisas não são más em si mesmas, mas quando as valorizamos mais do que a Deus, elas se tornam ídolos. O problema não está tanto em querermos essas coisas, mas em as querermos demais. Elas se tornam nosso alvo, nossa esperança, nosso propósito. Sentimos que necessitamos delas. Quando estão fora do alcance, a vida parece sem sentido.

Faça a si mesmo as seguintes perguntas para ver se as motivações mais profundas do seu coração começam a emergir.

- ◆ Em que momentos a vida parece não valer a pena?
- ◆ O que você ama, odeia, espera, quer, anseia?
- ◆ Qual é o seu alvo? Quais são os seus sonhos e as fantasias?
- ◆ O que você teme? Com que se preocupa?
- ◆ O que sente que necessita? Onde encontra refúgio, conforto, prazer ou segurança?
- ◆ O que define sucesso ou fracasso para você?
- ◆ Quando você diz “Se apenas...” (“Se apenas meu marido fosse...”)?
- ◆ Em que momentos você acha que Deus o desapontou?
- ◆ Em que momentos você luta com amargura e ciúme? O que está querendo?
- ◆ O que o dinheiro significa para você? (Note como o dinheiro pode

satisfazer temporariamente todos esses desejos.)

- ◆ Quando você costuma ficar deprimido (porque seu ídolo o deixou na mão)?
- ◆ O que você considera como seus direitos? Quando fica irado?

“Estou furioso”, Estevão disse, parecendo um carro superaquecido. “Toda vez que o rapaz do escritório ao lado passa por mim, ele me lança um olhar de superioridade. Posso entender porque as pessoas se tornam assassinas”.

Estevão está irado e controlado por seu colega de trabalho. Isso está óbvio. Mas por que Estevão está irado? Sua ira tem a ver com aquilo que ele adora. Talvez ele adore ser respeitado, e não tem recebido o respeito que exige. Como resultado, ele sente raiva do seu colega de trabalho. Ele declara uma guerra! Contudo, mais do que isso, ele resiste ao fato de que Deus usa pessoas difíceis para nos aperfeiçoar. Ao invés de se submeter às decisões soberanas de Deus e aprender a perdoar e amar, Estevão diz: “Eu serei Deus, pelo menos neste caso”. Ele deseja governar.

Aqui está o princípio geral: nossa atitude para com Deus fica exposta nos relacionamentos humanos que são mais difíceis para nós. Se você odeia alguém, você odeia a Deus. Se não perdoa, usurpa a autoridade de Deus de agir como juiz.

Por que ídolos?

O caso de Estevão oferece um vislumbre do que há por trás das motivações idólatras. Ele nos lembra que ninguém precisa nos ensinar sobre idolatria: nós a descobrimos por nós mesmos. Como os

israelitas, conhecemos o poder e a glória de Deus. Fomos ensinados explicitamente por Deus a não adorar ídolos, mas ainda assim fazemos a nossa versão do bezerro de ouro (Êx 32). O que nos impulsiona a fazer isso? Como criaturas, fomos planejados para confiar em alguma coisa além de nós mesmos. Mas por que confiamos em coisas que não parecem merecer nossa confiança?

Esteja preparado. As respostas não são bonitas, mas se aplicam a todos nós.

Somos orgulhosos. Isaías 2.6-22 revela que os idólatras são arrogantes. Os idólatras, mesmo quando demonstram reverência, são “arrogantes”, “orgulhosos”, “altivos”. Aparentemente, nossos ídolos exaltam a nós mesmos e nossos desejos; mesmo em nossa idolatria, não queremos nada acima de nós mesmos. Em parte, escolhemos os ídolos porque cremos que eles podem nos dar aquilo que queremos. O deus da droga dá coragem, o deus do sexo promete prazer, o deus da riqueza traz poder e influência. Como os profetas de Baal, somos arrogantes o suficiente para crer que podemos manipular o ídolo – seja por automutilação ou outros meios – para que ele nos sirva.

Ansiamos por autonomia, o que significa que somos nós que damos as cartas. Os idólatras querem estabelecer as regras e não se submetem ao senhorio do Deus vivo. Essa foi a essência do pecado original de Adão. Embora Deus tivesse falado com clareza, Adão quis delinear suas próprias diretrizes. Na idolatria, queremos estabelecer nosso universo paralelo, separado do de Deus.

Queremos ceder aos nossos desejos. Tanto o orgulho como a autonomia apontam para o fato de que somos criaturas que

querem alguma coisa. Queremos sempre mais (Ef 4.19). No Antigo Testamento, a idolatria estava sempre associada a orgias, bebedeiras e outras formas de autoindulgência (Êx 32; 1Co 10.7), mas no Novo Testamento, a idolatria é descrita como ganância, cobiça (Ef 5.5) e desejo.

Digo porém, andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. (Gl 5.16)

...entre as quais também todos nós andamos outrora, segundo às inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da nossa carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais. (Ef 2.3)

... os quais, tendo-se tornado insensíveis, se entregaram à dissolução para, com avidez, cometerem toda sorte de impureza. (Ef 4.19)

Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. (Tg 1.14)

Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnis que fazem guerra contra a alma. (1Pe 2.11)

Estes versos nos lembram novamente que EU QUERO é a música do coração humano. A arrogância, a autonomia e o desejo desenfreado habitam no interior do homem. A idolatria diz respeito ao eu – os meus desejos, as minhas vontades. O meu propósito não é exaltar o ídolo acima de mim, mas usar o ídolo para me dar o que eu quero. Quando estou com medo, olho para o ídolo do dinheiro para me dar segurança. Não quero que o dinheiro me governe; quero, sim, usá-lo para obter o que eu quero. Quando quero prazer,

curvo-me diante de ídolos como sexo, comida ou sono. O problema é que nunca me sinto satisfeito, quero sempre mais. Esta é a razão por que os ídolos se multiplicam. Nossos desejos são insaciáveis. Quando colocamos nossa confiança nos ídolos, descobrimos que eles não são capazes de satisfazer nossos desejos ou sustentar nossas esperanças. Estamos sempre em busca de mais. A multiplicação dos deuses na mitologia grega ou no hinduísmo mostra o que vai em nossos corações todos os dias. O coração é, realmente, uma fábrica de ídolos.

Os crentes e os ídolos

Essa conversa sobre ídolos parece estranha para muitos crentes. Afinal, não temos ídolos em nossas casas e já declaramos nossa lealdade a Jesus Cristo. Entretanto, não se esqueça de que a idolatria mora quietamente em cada coração. Os crentes ainda não estão isentos de pecado, o que só acontecerá quando Jesus Cristo retornar. Nesse meio tempo, nós lutamos, especialmente com nossas motivações e imaginações. As advertências contra a idolatria e a hipocrisia são dirigidas diretamente a nós.

A idolatria cristã é mais sutil do que o franco abandono verbal de Cristo. Podemos apenas sentir que Cristo não é suficiente. Nosso raciocínio diz que Ele é suficiente para a salvação eterna, mas será que Ele pode me dar realmente as coisas que eu sinto que preciso como, por exemplo, dinheiro, casamento ou prazeres pessoais? Então, para estarmos seguros, dividimos nossa confiança entre Deus e vários ídolos. É como ter um *porta-fólio* variado em estoque. Enganamos no imposto de renda, desculpamos

nossos relacionamentos sexuais pré-conjugais e evitamos as pessoas inconvenientes. Não parece tão ruim já que nós não renunciamos a Cristo, mas esta confiança dividida equivale a um afastamento de Deus.

Mudança de coração

Quando enfrentamos esses fatos, tudo que podemos fazer é dizer: “OK, desisto. ‘Enganoso é o coração, mais do que todas as cousas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá?’ (Jr 17.9). Sou culpado”. E agora? Simplesmente esperamos pela volta de Cristo ou há alguma coisa que podemos fazer?

A resposta, evidentemente, é que devemos começar de imediato a lutar contra o pecado. As Escrituras como um todo apontam para isso, e o fato do Pai ter-nos mandado o Espírito Santo indica que temos munição suficiente. Mas como lidar com isso?

Consideremos nossos corações. O caminho para a mudança passa sempre pelo coração. Olhamos para os frutos em nossas vidas – os pecados grandes e pequenos, as ansiedades e os medos, os desapontamentos e os desesperos – e perguntamos o que eles dizem a respeito do nosso relacionamento com Deus. Fazemos a nós mesmos estas perguntas reveladoras: O que quero? No que acredito? Como isso atinge outras pessoas? No que confio? O que estou dizendo a respeito de Deus?

Se ao examinarmos nossos corações encontrarmos pecado sexual, significa que eles estão cheios de desejos. Cremos que Deus não é bom e não se importa com nossas vidas. Cremos em nossos próprios artifícios para encontrar satisfação.

Se encontrarmos ciúmes, significa que nossos corações creem que a vida está naquilo que as outras pessoas têm. Não apenas queremos o que elas têm, mas gostaríamos que elas não tivessem o que têm. Vemos Deus como nosso *office-boy* que não nos entregou o que queríamos ou merecíamos.

Se encontrarmos desrespeito às autoridades, nossos corações estão dizendo que não queremos ninguém acima de nós mesmos: nem pais, nem chefe, nem Deus.

Se as crianças brigam por um brinquedo, a mudança não acontece com descobrirmos quem começou a briga. A mudança ocorre quando as crianças admitem que brigas e contendas vêm dos desejos que lutam dentro de nós.

De onde procedem guerras e contendas, que há entre nós? De onde, senão dos prazeres que militam na nossa carne? Cobiçais e nada tendes; matais e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras. Não tendes porque não pedis; pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres. Infiéis, não compreendeis que amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele pois, que quiser ser amigo do mundo, constitui-se inimigo de Deus. (Tg 4.1-4).

Omitir esses passos é alimentar o fariseu que tem boa aparência exterior, mas cujo “coração está longe de Mim” (Mt 15.8). Todos nós podemos fazer o que é certo para proteger nossa reputação, mas Deus quer mais. Ele não quer sacrifícios e ofertas que fazem com que pareçamos bons diante dos outros. “Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado: coração compungido e contrito não o desprezarás, ó Deus” (Sl 51.17).

Nós nos voltamos para o Deus trino e O conhecemos. Tendo olhado para nossos corações, voltamo-nos para Jesus. A verdadeira mudança tem lugar quando colocamos nosso foco em conhecer Aquele que verdadeiramente merece nossa adoração (2Pe 1.3). Apesar de muitos de nós pensarmos que mudança começa com um plano e uma série de passos, a verdadeira mudança de coração está centrada em conhecer uma pessoa.

Isso é verdade também para os relacionamentos humanos. Se você pensar naquilo que o levou a mudanças em sua vida, é provável que você descubra que algumas pessoas tiveram, geralmente, o papel de catalisadores. Talvez a presença de uma pessoa durante tempos difíceis, uma palavra de encorajamento quando você se sentiu desajustado, um amigo que ficou mais perto que um irmão, a correção branda de um cônjuge ou uma pessoa cujo caráter e vida foram inspiradores. Se as pessoas podem nos influenciar a tal ponto, quanto mais podemos esperar que Deus nos mude!

Esta é a razão do caminho para a mudança passar pelo coração e continuar pelo evangelho, onde Deus escolheu revelar de maneira completa a si mesmo, na morte e ressurreição de Cristo. É em Jesus que Deus mostra enfim a Sua bondade, Seu poder e Sua glória. E é em Jesus que encontramos poder para mudar.

Quando você for a Jesus, espere surpresas. Você não será transformado por alguém comum. Depois de ver um pouco das motivações dos nossos corações, comece por ficar surpreso em saber que Jesus aceita e perdoados todos os que vão a Ele. É isto que a cruz assegura. Não é preciso fazer penitência, pois o perdão vem de Deus e

é recebido como uma dádiva pela fé (Rm 1.17). Se o perdão viesse por meio de algo feito por nós, a glória daquilo que Cristo fez ficaria diminuída. A glória de Deus seria medíocre. Não seria diferente de quando perdoamos as pessoas que fazem uma restituição por uma ofensa cometida contra nós. Mas o perdão divino é diferente de tudo quanto você já experimentou. Ele foi estendido a nós enquanto ainda éramos pecadores contra Deus, e não simplesmente depois que tentamos reformar a nós mesmos. Devido a este amor transbordante, nós podemos nos “achegar, portanto, confiadamente, junto ao trono de graça” (Hb 4.16). E isso é apenas o começo. Esse amor também muda a maneira de respondermos às circunstâncias da vida.

Você costuma resmungar e murmurar? Agora você já sabe que isso é contra Deus. Agora você deve reconhecer que Ele é generoso e dá em abundância. Você se entrega a pecados que pensa estarem escondidos? Agora você sabe que eles também são contra Deus. Você reconhece que Aquele que revela os corações é quem vê toda a criação a todo tempo (Sl 139). Além disso, você O agradece por perdoá-lo e libertá-lo da escravidão do pecado. Você luta com medos? Agora sabe que Ele nunca o abandonará nem esquecerá. Você afirma que Ele é bom.

Você quer dar as cartas em sua própria vida, pelo menos em uma área? Como Adão, talvez você esteja pensando que há vida longe do Doador da vida. Então, olhe para a cruz novamente. Ela não é suficiente para comprovar a misericórdia de Deus e Seu grande amor para com você? Como você pode pensar que, depois de ter dado Seu único Filho, Deus seria mesquinho com você agora?

O poder para mudar vem à medida que conhecemos a Deus. Busque-O. Aprenda a respeito de Deus com outras pessoas. Ore que você possa conhecê-LO. Se você o fizer, irá conhecê-LO porque Deus se deleita em nos revelar a Sua Pessoa.

“Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da Glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele” (Ef 1.17).

“... a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda plenitude de Deus” (Ef 3.18,19).

Confiamos e obedecemos. O conhecimento crescente de um amigo ou do cônjuge leva-nos a agir com amor. Semelhantemente, nosso conhecimento pessoal de Deus nos compele a agir. Leva-nos a confiar e a obedecer.

Quando Estevão, o homem irado, reconhecer que seu próprio coração está fazendo exatamente aquilo de que ele acusa seu companheiro de trabalho, e após perceber que sua dificuldade está mais na sua falta de confiança em Deus do que no comportamento de seu companheiro, ele poderá dar passos concretos em amor e obediência para corrigir os problemas. Por exemplo, se sua atitude para com seu companheiro chegou a ser pública ele deve pedir perdão. “Eu estive pensando o quanto estou centrado em mim mesmo. Tenho certeza de que você tem visto isto também e quero pedir perdão por isso. Por favor, avise-me se eu me comportar assim novamente”. Estevão poderia também

meditar em João 13, onde Jesus lava os pés dos discípulos, como meio de encontrar orientação para a vida cristã. Com esta passagem em mente, ele poderia pedir as orações de outras pessoas. O propósito de considerar as motivações não é apenas adquirir *insights*, mas também crescer e mudar.

O padrão das Escrituras é claro. Suas muitas histórias revelam nossos corações e nos apontam para o Deus que perdoa, persuade, toma iniciativa e persevera. Depois de ter visto quem Deus é e o que Ele faz, encontramos um “pois”.

Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus em aroma suave (Ef 5.1,2).

Uma vez que O conhecemos, queremos segui-LO. Como Ele nos amou tanto, queremos saber como amá-LO de maneira semelhante. Tudo o que acompanha o “pois” é a explicação de Deus a respeito de como podemos amá-LO. Nós O amamos, por exemplo, deixando a mentira e falando a verdade (Ef 4.25), não pecando em nossa ira (Ef 4.26), perdoando aos outros como fomos perdoados (Lc 7.36-50), trabalhando ao invés de roubar (Ef 4.28), amando os amigos e inimigos (Rm 12.9-21), ficando contentes em qualquer circunstância (Fl 4.12), lutando por domínio-próprio e crescendo em paciência, gentileza e alegria (Gl 5.23). De todas essas

maneiras, amamos e honramos nosso Pai Celeste.

As pessoas são deveras complexas. Debaixo da superfície da vida existe um coração que está sempre ativo, procurando por objetos em que possa confiar (Lc 24.25; Rm 10.10). O coração tem propósitos (Pv 20.5; Dn 1.18), inclinações (Ec 10.2), intenções (Hb 4.12), imaginações e estratégias (Pv 6.18), desejos (Sl 10.3; Tg 4.1) e cobiça (1Jo 2.16; Ef 4.19). Diante de tanta complexidade, não é surpresa que nossos corações não sejam sempre compreendidos de imediato pelos outros e nem mesmo por nós (Mt 15.8; 1Co 4.5; Pv 16.2; Jr 17.9). Como o fundo de um poço ou as raízes de uma árvore, nossos corações tendem a ficar escondidos e nunca podemos conhecer inteiramente sua profundidade.

No entanto, você não precisa ser um mestre em análise. Precisa apenas de disposição para dizer: “Sonda-me, ó Deus” (Sl 139.23). Não fique tão preocupado se sentir que está somente arranhando a superfície. Mais importante que conhecer suas motivações é conhecer a Deus, e Deus é muito generoso em Se revelar a si mesmo. Ele deve ser seu foco principal. Devemos passar mais tempo olhando para Cristo do que inspecionando nossos próprios corações. Porque se estivermos crescendo no conhecimento de Deus, sereamos transformados – no mais profundo do coração.